

## **Poema sujo: trabalho e construção da memória na experiência-limite**

Jurandir Faria da Silva (UNIVERSO)

Este é mais um ensaio sobre a Modernidade. Ao longo de nossas reflexões, teremos como movente o sujeito moderno. Considera-se, em princípio, que o sujeito da modernidade encontra-se morto. Se, por um lado, aceitamos que isso seja uma verdade, por outro, não queremos deixar por encerrada e tranqüila essa morte. Isso, portanto, será sempre um problema, ou mais, uma teoria do sujeito.

Tais reflexões – Modernidade, moderno e sujeito – revelaram-se, afinal, embriões deste trabalho. Quando do fervilhamento delas, veio-nos (na memória) um antigo contato: o *Poema sujo*, do poeta maranhense Ferreira Gullar. Isso foi definidor, porque aí vislumbramos o eixo no qual ansiávamos por trabalhar o tema Modernidade. Feito o vinco Modernidade-*Poema sujo*, o *Poema* foi se tornando, aos poucos, vértice e materialização daquelas indagações antigas e necessárias.

O *Poema sujo* é um grande escrito do Modernismo e, portanto, da Modernidade. Está impregnado dela. Por esse motivo, acreditamos ser relevante indagar sobre o que significa a modernidade e sobre o comportamento do indivíduo e da sociedade modernos, antes de entrar no universo do *Poema*. E para dar suporte à sua análise como um *poema moderno*, analisamos os projetos da modernidade e o conseqüente posicionamento da arte literária. A transição representada pelas rupturas do pensamento científico e racional e seus efeitos

no homem constituem importante paradigma de compreensão do *Poema*.

O *Poema*, como já dissemos, tornou-se vértice de reflexões. A sua poesia converteu-se em nosso ponto de apoio. Através dela, pudemos pensar outro tema: a memória. Restava entender o percurso feito pelo poeta “em busca do tempo perdido”, caminho que nunca prescindiu da narração, da arte de perpetuar a história. Estava formado o embrião de nosso estudo: no *Poema*, poesia e memória fluem através da narração.

Desse compromisso com os relatos, veio a idéia de que *o poeta se faz narrador*, gerando um aparente paradoxo: o dueto *poesia e narração*. Mesmo assim, insistimos em identificar o poeta com o narrador. Numa ótica baudelaireana, podemos dizer que o poeta-narrador se vê atordoado pelas injustiças do sistema produzido pela modernidade e, como tal, transfigura-se em herói:

o herói é o verdadeiro sujeito da modernité. Isso significa que, para viver a modernidade, é preciso uma postura heróica. Esta também era a opinião de Balzac. Com isso, Balzac e Baudelaire se contrapõem ao romantismo. Sublinham as paixões e a capacidade de decidir; o romantismo sublinha a renúncia e a dedicação. Mas essa nova concepção é muito mais complexa, muito mais rica no poeta lírico do que no romancista. (grifos nossos) (BENJAMIN, W. , 1930, p. 98)

Assim, como se configura a ótica do poeta-narrador de uma experiência-limite (Gullar já se achava exilado há quatro anos) verbalizada num poema que talvez fosse afinal a sua última obra? Que

impasses lhe teriam causado a memória, essa incerta e inconstante? O que significariam as lacunas do esquecimento? Essas são outras indagações necessárias.

Apoiados em Benjamin, vemos o narrador como o portador revolucionário do canto da história. No *Poema sujo*, poesia e memória se irmanam através do poeta-narrador, que tal qual o narrador de Lyotard, se vê tão desprezado e odiado em tempos difíceis como o nosso.

Gullar nos traduz uma experiência-limite sem precedentes na literatura. Ele se faz um poeta-narrador, cuja vida atrela-se aos fados da existência, como um compromisso diário. Os impasses não são poucos e a tão ansiada tranquilidade não é alcançada. É um poeta que reflete, afinal, a condição do indivíduo moderno, porque traduz as angústias deste frente ao sistema perverso do código vigente. Sua experiência, sendo única – a do perseguido e exilado, a do brasileiro e maranhense – supera o singular e atinge o universal. Ecoam no *Poema sujo* não apenas a sua voz, mas também as vozes de muitos outros, de sua família, de amigos, de homens e mulheres que povoam as ruas. Na sua angústia, remete-nos à angústia coletiva frente a um sistema de opressão que já ameaça desmoronar. Por tudo isso, o *Poema sujo* é uma obra moderna, posto que representa a resistência aos impasses do código vigente, ampliados pelos sistemas de coerção, de controle e de alienação.

Quando o poeta assume a função de narrador, estabelece-se um pacto não mais só com o presente, mas também com a posterida-

de. Ao unir o fio da história – pessoal e coletiva –, o poeta une passado e presente, com vistas ao futuro. Não será esse pacto que atraiu o poeta - e agora a todos nós quando lhe contemplamos a obra? Não será essa a esperança renovada, com que o escritor trabalhou a dialética de seu texto? Certamente, o sistema que conduz o *Poema sujo* ao seu centro é o homem.

Porque  
diferentemente do sistema solar  
a esses sistemas  
não os sustém o sol e sim  
os corpos  
que em torno dele giram:  
não os sustém a mesa  
mas a fome  
não os sustém a cama  
e sim o sono  
não os sustém o banco  
e sim o trabalho não pago

E essa é a razão por que  
quando as pessoas se vão  
(como em Alcântara)  
apagam-se os sóis (os  
potes, os fogões)  
que delas recebiam o calor  
essa é a razão  
por que em São Luís  
donde as pessoas se foram  
ainda neste momento a cidade se move  
em seus muitos sistemas  
e velocidades  
pois quando um pote se quebra  
outro pote se faz  
outra cama se faz  
outra jarra se faz  
outro homem

se faz  
para que não se extinga  
o fogo  
na cozinha da casa (GULLAR, F., 2001, p. 62-63)

O *Poema sujo* é, sobretudo, um grito de esperança. Seus versos guardam o objetivo fundamental, insistindo na liberdade e na justiça “para que não se extinga / o fogo / na cozinha da casa”. Imagem do fogo, da luz, do claro que supera o escuro, que reiteradamente volta identificada com a realidade, mas também com a linguagem, com a poesia. A linguagem, que representa um desafio desde *A luta corporal*, emerge como redentora, como salvadora de uma experiência guardada no silêncio, não fosse seu calor simbólico.

Mas além do homem, outro eixo sustenta o *Poema sujo*: a cidade. Os dois gravitam na e pela linguagem. E assim, o proceder poético acontece e culmina em cada parte, mas também na totalidade dos versos, do início ao fim. Coisas prosaicas são resgatadas (redimidas?) pela linguagem que as traduz:

O que eles falavam na cozinha  
ou no alpendre do sobrado  
(na Rua do Sol)  
saía pelas janelas

se ouvia nos quartos de baixo  
na casa vizinha, nos fundos da Moveleira  
(e vá alguém saber  
quanta coisa se fala numa cidade  
quantas vozes  
resvalam por esse intrincado labirinto  
de paredes e quartos e saguões,  
de banheiros, de pátios, de quintais

vozes  
entre muros e plantas,  
risos,  
que duram um segundo e se apagam)  
(GULLAR, F., 2001, p. 64)

Coisas prosaicas que são, afinal, coisas vivas e vibrantes nas pessoas, fazendo delas a cidade. A cidade, com efeito, está no homem como um rio está em outro, ou como o rio está no mar: o homem é a cidade.

O *Poema sujo* é uma experiência única que se realizou no espaço lírico da linguagem. Mas não um espaço puro de reminiscências e versos limpos... o terreno do *Poema* é bravio e tortuoso, suas sendas não são apenas sujas, são densas, são carregadas de subjetividade vivida e sentida, mas também de indagações que toda a humanidade carrega. Remete-nos à poesia, entendida como um evento primordial do fazer humano.

Entretanto, a poesia, em Ferreira Gullar, não se desvincula da vida, não é uma entidade isolada da realidade humana:

Espalharam por aí que o poema  
É uma máquina  
ou um diadema  
que o poema  
repele tudo que nos fale à pele  
de Hiroxima  
que o poema só aceita  
a palavra perfeita  
ou rarefeita  
ou quando muito aceita a palavra neutra

pois quem faz o poema é um poeta  
e quem lê o poema, um hermeneuta.

(GULLAR, F. ,1999, p. 180)

O poema puro não existe. Sua poética não permite pureza nos versos. Porque suas linhas são convulsas, a palavra perfeita não pode existir num poema transbordando vida, que, afinal, também é imperfeita. Por isso, mais uma vez o espanto:

Mas como, gente,  
se estamos em janeiro de 1967  
e é de tarde  
e alguns fios brancos já me surgem no pentelho?  
Como ser neutro se acabou de chover e a terra cheira  
e o asfalto cheira  
e as árvores estão lavadas com suas folhas  
e seus galhos  
existindo?  
Como ser neutro, fazer  
um poema neutro  
se há uma ditadura no país  
e eu estou infeliz?

(GULLAR, , 2001, p. 180-181)

O compromisso não permite o isolamento, nem o desbunde. Há que se ter esperança e esta não morre. Antes, liga-se à vida. Escrever, segundo Gullar, é uma aventura. Apenas se pode transformar a matéria bruta da palavra em poesia através dessa aventura, uma vez que “os melhores poemas são os que nascem da vida, são os que a vida engendra.”

A experiência-limite aconteceu para Gullar no momento de sua busca de liberdade – e também de si mesmo, de seus irmãos, de sua pátria. Ela é o limite de um momento que não se findaria sem o grito clamando por libertação. Parece-nos que tal experiência traduz não só o sentimento de um homem ou de um mundo particularizado. Sua experiência traz, a nosso ver, a experiência do sujeito da modernidade. Ela é catalisadora de certos impasses, nos quais o sujeito é jogado e se vê perdido. Tamanha é a desproporção entre os desafios que o mundo moderno oferece ao indivíduo que este pode ser considerado um herói.

Assim vemos a figura do homem que salta do *Poema sujo*. Porque o sistema o sufoca, castra-o, retira-lhe direitos, inclusive o de retorno à pátria, o poeta assume a figura de herói moderno nos versos do *Poema sujo*. Evidentemente, quando falamos desse herói, não nos restringimos ao indivíduo José Ribamar Ferreira, nem ao poeta Ferreira Gullar, mas ao eu poético que sobressai dos versos e que, afinal, por razões de estilo e circunstância, coincide com o autor. De qualquer modo, tentamos identificar aquele eu poético, acima de tudo, a partir de sua atitude frente à modernidade e seus desafios.

A memória é a senhora das cogitações e impressões. Ela se abre e se expande, atingindo o que antes era oculto e imerso no desconhecido. O que resta do passado senão o vazio? A transformação do nada em memória se dá quando a memória realiza sua construção: vê o nada e constrói sobre ele. Mas os escombros – não nos esqueçamos! – continuam lá... eles nos revelam que alguma coisa se per-

deu. Não há como retroceder. Não há como reviver o passado, apenas reinventá-lo.

Importa, pois, considerar o trabalho da memória como o resgate do que foi vivido, individual e coletivamente. Numa primeira instância, poder-se-ia inferir que tal retomada realiza um resgate inteiro e perfeito – “intacto” - do vivido. Isso não é possível no ato mnemônico: a recordação nunca é pura, nem se realiza sem a linguagem, que, aliás, carrega-se de subjetividade. E é através da linguagem – Ferreira Gullar vivenciou muito bem isso – as imagens podem se oferecer, de fato, ao pensamento.

É necessário, portanto, compreender a memória, considerando estes dois gestos, a recordação e a linguagem. Ignorar isso “é recair, ingenuamente, na ilusão de uma captura do real, de uma conservação fossilizada do passado e de uma falsa inteireza do sujeito que efetua a rememoração”. Tais pressupostos são verdadeiros, posto que não se pode deixar de frisar que o tempo, apesar de receber atributos de linearidade, constrói-se de elementos descontínuos, de rupturas, de quebras. O processo da memória se dá mais nas brechas, nas malhas do tecido convulso do tempo, do que numa pretensa e suposta horizontalidade e rigidez linear a ele conferida. Se a memória é turva, turvo também é o poema que dela saiu

turvo  
turvo  
a turva  
mão do sopro  
contra o muro  
escuro  
menos menos

menos que escuro  
menos que mole e duro menos que fosso e muro: menos que furo  
escuro  
mais que escuro  
(GULLAR, F., 2001, p. 3)

Forjando-se o grande aliado da memória, o poeta-narrador repousa seu olhar para o passado e o materializa. Ao recordar, coloca no coração (re-corda) uma nova experiência. Não a que ele (ou a coletividade) viveu, mas um novo olhar – recordar não é viver de novo, é reconstruir. Dá-se uma reconstrução. Não se pode viver de novo a mesma experiência.

O poeta-narrador se debruça sobre o passado. E o que vê? Apenas matéria amorfa, material bruto a ser lapidado. Esmiúça o cotidiano e acaba encontrando, através de uma linguagem “turva”, as experiências da infância - as aves do quintal, as frutas que apodrecem, alguns rostos familiares, até mesmo garfos e facas que “se perdem pela vida caem / pelas falhas do assoalho e vão conviver com ratos / e baratas ou enferrujam no quintal esquecidos entre os pés de erva-cidreira”. Os acontecimentos sociais e políticos que açoitam o seu país e a América Latina vêm à tona e se misturam à experiência. O narrador se reconhece no menino: “esse coração oculto / pulsando no meio da noite, da neve, da chuva / debaixo da capa, do paletó, da camisa / debaixo da pele, da carne / combatente clandestino aliado da classe operária / meu coração de menino”. O narrador se reconhece no menino, no entanto já não é mais só ele. É um só, mas nunca o mesmo. É um só, mas em muitos transfigurado. Provocante, a lin-

guagem é o desafio. Como transformar em diamante essa matéria bruta que irrompe através da memória? O narrador, então, se constrói poeta, transfigura-se. E o diamante é lapidado: nasce o *Poema sujo*, muito sujo, mas tão sujo (de experiência, de vida, de imagens e odores) que transborda de poesia, de arte, de brasilidade. É sujo pela composição das diferenças, sujo porque é moderno em seu “bate-estaca” crítico. É sujo – e isso é essencial – porque participa de uma história não-oficial. É sujo, enfim, como o símbolo de uma outra pureza: uma “alethéia” sem máscaras, expressão que se assume na memória turva ou até no esquecimento assumido, mas nunca na mentira hipócrita.

Mas a linguagem também é uma aliada. Não é ela a parteira do *Poema*? Ela é a possibilidade de traduzir as lembranças – através da memória! – até as últimas conseqüências. Tudo para tentar reconstruir. Tudo para resguardar alguma coisa da morte. A vida insiste em prosseguir, mesmo no limite. Sempre. Até na memória.

Ao longo dessas reflexões, conduzimos a abordagem para a modernidade, tendo como pano de fundo a presença e a ação do sujeito. No começo, indagamos sobre a morte do sujeito na modernidade – e na pós-modernidade. Voltemos a ela...

É comum apontar o sujeito da pós-modernidade como o portador da fragmentação, da desconstrução. E na medida em que o sujeito (pós-) moderno renuncia às certezas e às verdades absolutas, assume essa postura fragmentada. Ele as renuncia porque não vê caminho: está morto, dizem.

Acontece, porém, que, mesmo no seu descaminho, como a ficcionalidade de *Hotel Atlântico* (Noll) nos atesta, esse sujeito tem uma proposta: a de caminhar sempre. Ele não tem nada, não tem bagagem, nome, rosto, não tem caminho, mas tem de caminhar. Acreditamos que aí é que poderemos colher um pouco do perfil desse sujeito. Ele não é o mesmo sujeito da primeira modernidade, racional e onipotente, ele é outro.

Na verdade, acreditamos, é a noção de sujeito da história, moderno e racional, que está morta. Mas o sujeito aí está, com outra roupagem. E, se não está completo, é porque está em construção. Não será essa constatação o que, de fato, nos incomoda? Não será esse problema – a falta de acabamento do sujeito – o grande problema da (pós-) modernidade? Tal problema, entretanto, pode representar apenas uma opção: a opção de simplesmente não se acabar ou de simplesmente caminhar, sempre, para lugar algum, mas sempre. Estamos em processo...

Debruçar sobre essas indagações, pensar o contexto onde se inserem as noções de sujeito, de modernidade e pós-modernidade, e contextualizar a obra de um grande escritor brasileiro... são essas as reflexões que se tornaram o fio condutor de nossa trajetória. E se não esperamos ingenuamente ter chegado a algum lugar, sonhamos, ao menos, estar a caminho...

## Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. A vida do espírito. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume dumará, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e ambivalência. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: Benjamin, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. Matéria e memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1990.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. Lembrança de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1987.

\_\_\_\_\_. O tempo vivo da memória. Ensaio de psicologia social. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

EAGLETON, Terry. As ilusões do pós-modernismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. M. História e narração em Walter Benjamin. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1994.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: UNESP, 1991.

GULLAR, FERREIRA. Muitas vozes. Poemas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

\_\_\_\_\_. Poema sujo. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

\_\_\_\_\_. Rabo de foguete. Os anos de exílio. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

\_\_\_\_\_. Toda poesia. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

NOLL, João Gilberto. Hotel Atlântico. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

ROUANET, Sergio Paulo. Mal-estar na modernidade. São Paulo: Companhia das letras, 1993.